

EM TEMPOS EM QUE SE COSTUMA REPETIR O QUE JÁ FOI MOSTRADO, ADÉLIA BORGES RESISTE COMO CURADORA DE EXPOSIÇÕES SURPREENDENTES, ATRIBUINDO NOVOS OLHARES AO DESIGN BRASILEIRO E REVELANDO TALENTOS. SUA PRÓXIMA CURADORIA, A 3ª BIENAL BRASILEIRA DE DESIGN, É MAIS UM EXEMPLO DE SUA HABILIDADE EM MOSTRAR AO PÚBLICO QUE OBJETOS PODEM SER OBRAS DE ARTE.

**POR** LUCAS MARTINI

Adélia Borges não compra objetos, ela os descobre. Moradora de uma vila tranquila no bairro da Vila Madalena, em São Paulo, é comum deixar o conforto de sua casa para andar pelo bairro em busca de novidades. Não se trata de nenhum compromisso profissional, ela o faz apenas pelo prazer de encontrar peças com formas e propostas diferentes. O olhar apurado, adquirido em uma longa carreira dedicada ao design, na qual foi diretora do Museu da Casa Brasileira de São Paulo e curadora de muitas exposições realizadas pelo Brasil, apenas para citar parte de sua experiência, revela uma de suas principais vocações. Há muitos anos, usa tal sensibilidade para descobrir talentos e os exhibe em mostras de

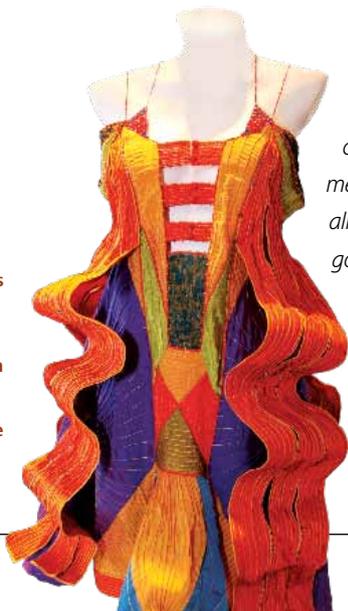
design, sempre com foco na produção brasileira.

Porém, é no interior de sua casa que fica ainda mais aparente sua paixão pelo design e talento alheio. Parte das peças encontradas em suas andanças, muitas vezes de designers desconhecidos, forma uma decoração original que se estende da sala até o amplo jardim de inverno nos fundos. Esculturas rústicas, principalmente de madeira esculpida, além de móveis com linhas harmoniosas são alguns dos objetos que chamam a atenção de quem visita sua intimidade.

Professora de História do Design e autora e co-autora de dezenas de livros, como “Sérgio Rodrigues”, sobre a vida e a obra do arquiteto-designer,

e “Cláudia Moreira Salles”: designer, em que analisa o trabalho da artista carioca a partir do estudo de seus móveis mais representativos, Adélia Borges usa o espaço de um pequeno escritório para organizar suas ideias. Foi lá, em meio a uma biblioteca com numerosas obras, que Adélia recebeu a Revista abcDesign. Na entrevista que segue nesta edição, relembrou quando e porquê começou a gostar de design, falou sobre os desafios dos designers para o futuro e revelou detalhes sobre seu mais recente trabalho, a organização e curadoria da Bienal Brasileira de Design 2010, que acontece a partir de 14 de setembro em Curitiba, no Paraná, e terá como tema “Sustentabilidade”.

**Vestido** desenhado por Lino Vilaventura, peça que compôs o Pavilhão das culturas brasileiras - Exposição Design Brasileiro Hoje (MAM, 2010) com curadoria de Adélia Borges.



**abcDesign: Qual é o objeto predileto da sua casa?**

*Adélia Borges: Não sou colecionadora ou alguém que goste de consumir. Talvez isso aconteça comigo devido ao meu trabalho, que me coloca muito mais próxima de produtos que geralmente as pessoas almejam, veem apenas a distância. Ainda assim, como alguém normal, gosto de me cercar de alguns objetos. Tenho, por exemplo, uma escultura feita pelo Guto Lacaz, que é um crocodilo sentado numa cadeira escrevendo à máquina. Quando eu vi essa imagem, 10 anos atrás, gostei tanto que pedi ao Guto se eu poderia usá-la como minha marca e ele permitiu. Ainda que esta não seja mais a identidade visual da minha marca, até hoje esse objeto é importante para mim porque ele representa o jornalista escrevendo com valores antigos, respeitando*

VISÃO SEM  
**fronteiras**





Foto: Denise Andrade

Objeto exposto no Pavilhão da cultura brasileira - Exposição "Design Brasileiro Hoje" (MAM, 2010), com curadoria de Adélia Borges



Foto: Márcia Tiemi

Adélia Borges com o candeeiro comprado por ela aos 10 anos.

valores infelizmente esquecidos atualmente, como honestidade e ética. O design me fascina justamente por essa capacidade que ele tem de nos cercar e cercar outras pessoas de referências que ofereçam bem-estar. Meu objeto predileto não tem nome, é o objeto garimpado, de locais remotos, aonde a mídia quase nunca chega. Na minha sala, por exemplo, tenho esculturas de artesãos da Ilha do Ferro, que fica próxima do Rio São Francisco, na divisa de Alagoas com Sergipe, local desconhecido do grande público. Gosto muito de descobrir novos designers.

**abc: Esse espírito aventureiro, de desbravar talentos, é essencial para quem trabalha como curadora de arte?**

AB: Sim, talvez seja isso que mais me encante na profissão. Como curadora ou jornalista, que é minha primeira formação, acredito que nosso papel seja dar visibilidade a fatos ou trabalhos que mereçam ser destacados, seja por seu ineditismo e criatividade ou por sua qualidade de execução. Nem sempre há novidades para serem mostradas, mas, quando isso acontece, acaba sendo realmente muito satisfatório.

**abc: A escolha do bairro onde**

**você mora, a Vila Madalena, conhecido por ter esse caráter mais alternativo, surgiu desse gosto por vasculhar novos talentos?**

AB: Cheguei aqui em 1985. Quando eu vim para cá, a Vila Madalena não era esse bairro cheio de coisas de design como é hoje. No final da década de 80, o primeiro a abrir um local desse tipo aqui foi o designer Carlos Motta. De lá para cá, a situação mudou bastante. O bairro vem se transformando em um local que, além de ter lojas de design, tem exposições, livrarias, sebos. Então, é muito legal eu ter, numa cidade grande como São Paulo, a opção de andar a pé e chegar a coisas muito interessantes, poder me sentir bem e recuperar um pouco do espírito de cidade de interior que é de onde eu vim. Afinal nasci em Cássia, uma cidade pequena do Sul de Minas Gerais, e fui criada em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo.

**abc: Você se lembra quando foi que começou a gostar de design? Houve algum fato marcante na sua vida que possa ter te influenciado nesse sentido?**

AB: Eu me lembro, sim. Meus pais eram de classe média baixa e a gente morava em uma casa que quase não



Foto: Denise Andrade

Objetos expostos no Pavilhão das culturas brasileiras - Exposição "Design Brasileiro Hoje" (MAM, 2010), com curadoria de Adélia Borges

tinha objetos de decoração. Eu sou a sétima filha e meu pai dava um duro tremendo para criar todos nós. Então, desde cedo comecei a trabalhar – tenho carteira de trabalho registrada desde os meus 16 anos. Fazia coisas, vendia coisas, dava aulas particulares. Vinha para São Paulo, comprava canetas Bic e revendia em Ribeirão Preto. Ou seja, sempre procurei ter meu dinheiro e minha independência. Então, me lembro que com cerca de 10 anos eu vi um candeeiro de ferro numa loja bem simples, dessas que ninguém dá muito atenção, e eu o comprei com um dinheiro que eu tinha guardado. Ele estava meio enferrujado, velho. Meu pai, vendo seu estado, resolveu pintá-lo de preto para esconder a ferrugem. Eu me lembro que isso me deixou muito chateada, porque eu gostava do objeto como ele era. Isso mostra que já naquela época eu tinha uma coisa em mim que não havia na minha família, ou seja, esse cultivo de ver uma obra ou de ver um objeto e prestar atenção. Eu me lembro que desde o início da minha vida me encanta muito a utilidade e a beleza, e eu acho que essas duas coisas estão muito vinculadas. Vi uma vez em um museu do Japão uma frase que dizia assim: “é belo porque é útil, é útil porque é belo”. Ela me lembra justamente dessa experiência que vivi.

**abc: Durante essas buscas, você descobriu algum designer famoso?**

AB: Não sei se posso dizer que os descobri, mas a primeira matéria que saiu sobre os Irmãos Campana fui eu quem fiz, quando ainda trabalhava apenas como jornalista. É complicado falar sobre isso porque sempre nos esquecemos de alguém. Já tive a oportunidade de conhecer o trabalho de pessoas que estavam bem no princípio de suas carreiras e poder apostar nelas. Ficar apenas nos nomes conhecidos é cômodo, confortável,

mas acho que, seja você um jornalista ou uma curadora de arte, você precisa abrir o espectro, correr riscos mostrando talentos que ainda não foram descobertos. Hoje, os designers se concentram principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro e, como a maioria de nós mora nesses estados, acabamos ficando mais próximos desses profissionais e esquecendo que o Brasil inteiro tem o que mostrar. É por isso que aceito convites para dar palestras no país todo; é uma grande oportunidade de conhecer essa outra produção do design brasileiro, escondida, esquecida pela maioria.

**abc: Algum dia você já pensou em ser designer?**

AB: Não, nunca pensei. O meu prazer está realmente em apreciar, estudar, analisar o trabalho dos designers. Acho, inclusive, importante manter esse distanciamento.

**abc: Como foi trabalhar com design em uma época em que não existia imprensa especializada no assunto e o tema era desconhecido do grande público?**

AB: A época em que comecei a escrever sobre design foi muito interessante. Foi um período em que a opinião do usuário começou a contar muito para a indústria. Até então, eu não tinha nenhuma formação específica em design, havia me formado na ECA/ USP no curso de jornalismo, mas percebia que embora os designers falassem muito sobre comunicação, eles não se comunicavam bem. Até hoje, muitos deles falam como se nós dominássemos o repertório do qual eles estão falando. Isso se aplica até mesmo entre eles mesmos, embora as diferentes áreas de atuação dos designers estejam interligadas. Um designer de produto geralmente fala uma língua diferente da que o designer gráfico usa e esse é um problema grave, pois isso leva a um

entendimento errado da profissão (de que as diferentes áreas são independentes). Por isso, é tão necessário o papel de mediadores que consigam traduzir todas essas linguagens e fazê-las chegar a todos os profissionais, que é um pouco o que o jornalista faz.

**abc: Como jurada de vários prêmios nacionais e internacionais, você consegue perceber como o design brasileiro está em relação ao design estrangeiro? Muita coisa mudou desde a época em que você começou a trabalhar nessa área?**

AB: Sim, muita coisa mudou, mas não somente no Brasil. O mundo passou pela Era do Fordismo, pela Era do Marketing e, hoje, todos nós estamos na Era do Design. Em relação ao Brasil, acho que grandes nomes do design nacional, como Lina Bo Bardi, ajudaram nossos designers a perceberem o valor da forma e da cultura local. Atualmente, são justamente essas características que tornam o design brasileiro surpreendente. Acredito que os designers brasileiros já tenham conseguido se posicionar entre os melhores do mundo, sem distinções. Os Irmãos Campana, por exemplo, foram eleitos recentemente como um dos dez melhores designers do mundo.

**abc: Você acredita que ainda**

*Este ano, a “Sustentabilidade” é o mote geral da Bienal e a exposição principal se chama “Design, Inovação e Sustentabilidade”. Esse nome surgiu, em primeiro lugar, porque inovação é quase um sinônimo de design. O bom design precisa inovar, trazer qualidade de vida, acrescentar à vida das pessoas.*

**existam muitas barreiras para a popularização do design no Brasil? É favorável a sua popularização?**

*AB: O design foi feito para estar disponível a todos. Para melhorar a vida das pessoas. Hoje, muito se avançou nesse sentido. Um exemplo são os móveis que são vendidos por grandes redes varejistas. Apesar de usarem materiais de qualidade razoável, grande parte dos produtos vendidos é produzido com madeira certificada, o que é um grande avanço, e os móveis usam linhas atuais de design, mais belos e funcionais do que em anos atrás. Por outro lado, acho que falta uma política pública focada no design brasileiro. Em 1992, para sediar os Jogos Olímpicos, Barcelona provocou uma ampla transformação na cidade. Além de melhorar a qualidade de vida da população, tornou Barcelona mais atrativa para os espanhóis e para turistas de outros países. O Brasil poderia seguir esse exemplo, afinal seremos sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.*

Fotos: Mariana Chama



Adélia Borges ao lado de Jorge Zaluzpin e Sérgio Rodrigues, na Exposição "Sempre Modernos"

**abc: É possível prever o futuro da profissão no Brasil?**

*AB: Antigamente não existiam vagas de trabalho para designers. Aliás, as empresas nem sabiam de sua importância dentro do processo produtivo. Hoje, as vagas não só existem como, em alguns estados do país, faltam profissionais. Isso foi provocado, em parte, graças ao cenário econômico do Brasil, que recentemente alçou muitas pessoas à classe média e ajudou a incorporar o design ao cotidiano das Classes C e D. Porém, acho que a grande questão que envolverá o futuro da profissão será a reflexão sobre até que ponto o designer deve contribuir pelo consumismo, pois, acima de tudo, ele depende do planeta. Nesse sentido, acho que muito se fala sobre a indústria, geralmente destacando-a como grande vilã, mas esquece-se do papel do designer. No futuro, esse profissional poderá contribuir diretamente para que a degradação do planeta seja menor, otimizando processos produtivos e auxiliando a indústria a produzir produtos com vida útil mais longa. É uma profissão que ainda poderá crescer muito.*

**abc: A Bienal Brasileira de Design deste ano, ao contrário das duas edições anteriores, é temática.**

**Como surgiu essa ideia e como foi escolher o tema de um evento tão grande?**

*AB: Uma exposição é um recorte, uma proposta, um discurso, uma narrativa construída que gira em torno de um tema. Por isso, nesta Bienal, quis inovar. As Bienais de 2006 e 2008 foram excelentes, no entanto, a exposição principal era genérica e eu achava que já era o momento da Bienal de Design ser como a Bienal de Arte, ou seja, ter um tema. Este ano, a "Sustentabilidade" é o mote geral da Bienal e a exposição principal se chama "Design, Inovação*

*e Sustentabilidade". Esse nome surgiu, em primeiro lugar, por que inovação é quase um sinônimo de design. O bom design precisa inovar, trazer qualidade de vida, acrescentar à vida das pessoas. Por último, além de apresentar Design e Inovação, a Bienal discute o que afinal é a Sustentabilidade. Constantemente usada nos jornais, na televisão, etc., ficamos sem parâmetros para saber o que afinal representa essa palavra e, também, qual seu significado no design. Então, essa exposição foi criada para propor essa reflexão. Quando falamos em design sustentável imediatamente nos vem à ideia algo feito com material reciclado, meio pobre, mas a sustentabilidade envolve muitas coisas. É claro que isso tem a ver com o material - se ele fica muito longe da fábrica, se é feito de fonte renovável, se é certificado, etc. -, mas também tem a ver com processos, se há desperdício de materiais, por exemplo, e com a atitude - que tipo de comportamento esse objeto vai induzir nas pessoas? Ou seja, é a soma de tudo isso que torna um design sustentável. Nós não temos muitas respostas, então a ideia desta Bienal é levantar perguntas e pontuar caminhos possíveis.*

**abc: Como foi a seleção do acervo? Que critérios foram usados para escolher os designers que estariam na Bienal?**

*AB: O critério de escolha seguiu dois pontos fundamentais. Primeiro, tinham que ser produtos que preenchessem o máximo possível de quesitos nos três âmbitos já comentados – atitude, material e processo. E para saber isso, a gente fez um questionário. A segunda era que tivesse uma capilaridade, uma representatividade realmente nacional, que não fosse apenas mais uma exposição com nomes que todos já conhecem, dos*

locais de sempre. Se estivermos nos propondo a fazer uma Bienal brasileira, ela tem que ser nacional.

**abc: Os questionários foram usados em uma pesquisa?**

AB: Sim, uma grande pesquisa. Contratamos pesquisadores nos vários estados do país e o desafio deles era não somente colher informações sobre designers que eu havia listado previamente, mas também descobrir novos profissionais e me apresentar a eles por meio das informações obtidas. Foram feitas buscas por designers em todos os estados brasileiros e somente Rondônia, Roraima e Rio Grande do Norte não estão representados na Bienal. Para um país continental como o Brasil, é um grande feito.

**abc: Como foi filtrar tanta informação?**

AB: Foi um grande desafio. Dentre todos os dados obtidos com essa pesquisa, 800 projetos foram analisados mais de perto por mim e, ao final, chegamos ao número final de 250 projetos, que são os que serão exibidos na Bienal. Apesar de as Bienais anteriores terem conseguido uma boa representatividade do design nacional, acredito que nesta edição conseguimos avançar ainda mais em busca desse objetivo. Foi a primeira vez que uma Bienal de Design no Brasil usou essa metodologia.

**abc: O que o público pode esperar da 3ª edição da Bienal Brasileira de Design?**

AB: Esta edição tem várias novidades, como a utilização de um tema central, conforme já comentei, e uma maior abrangência, alcançada graças a iniciativas como a pesquisa já mencionada. Mas talvez a novidade mais interessante para o público é que ela será realizada em vários lugares da cidade. A exposição principal vai ficar no Espaço Cultural da FIEP

ACHO QUE NÓS AINDA PRECISAMOS AMPLIAR MUITO A PERCEPÇÃO CONSCIENTE DAS PESSOAS SOBRE DESIGN, POIS ELE ESTÁ NO COTIDIANO DE TODOS, SÓ QUE A MAIORIA NÃO PERCEBE, NÃO TEM CONSCIÊNCIA DISSO.

(Federação das Indústrias do Paraná), mas haverá mostras paralelas no Memorial de Curitiba, onde teremos uma exposição de design urbano feita pelo Jaime Lerner – não poderíamos deixar de contar com alguém como ele em uma Bienal em Curitiba – e outra no Museu Oscar Niemeyer chamada “A Reinvenção da Matéria”. Já a Rua XV de Novembro e alguns parques de Curitiba receberão uma exposição de cartazes chamada “Sustentabilidade, e eu com isso?”, que contou com curadoria do Rico Lins e do André Stolarski (veja na página 42). Essa exposição nas ruas é uma tentativa de não ficarmos presos ao espaço expositivo esperando que o público chegue até ele, mas de irmos atrás das pessoas, de mobilizá-las em torno da Bienal e do tema. Isso mostra uma Bienal bastante plural e, como dizem os organizadores do Centro de Design do Paraná, a ideia é fazer Curitiba respirar design e contagiar a cidade. Acho que nós ainda precisamos ampliar muito a percepção consciente das pessoas sobre design, pois ele está no cotidiano de todos, só que a maioria não percebe, não tem consciência disso. Nesse sentido, uma Bienal pode contribuir, e muito, para que as pessoas conheçam mais sobre design e sejam mais criteriosos, por exemplo, na hora de fazerem suas compras.

**abc: Vocês pretendem levar a Bienal Brasileira de Design também**

**para outros estados, como São Paulo ou Rio de Janeiro?**

AB: Nosso esforço, no momento, é fazer uma Bienal muito bem feita em Curitiba. Agora, realmente já existem articulações para que a Bienal Brasileira de Design viaje, senão no todo, pelo menos em parte, para outras cidades. A ideia é montarmos uma versão pocket da Bienal, mais fácil de ser deslocada, que pudesse ir para outros estados brasileiros ou até mesmo para fora do país. Nossa intenção é fazer com que nosso esforço de reunir tantos trabalhos bacanas em uma Bienal possa ser amplificado na medida em que a gente consiga fazer essa exposição se espalhar pelo Brasil.

**abc: Você já foi diretora de museus importantes, jurada de prêmios nacionais e internacionais, entre outras atribuições, e agora será a curadora da mais importante mostra de design do Brasil. Ainda falta realizar algum sonho?**

AB: Como você disse, já exerci muitas funções administrativas, mas hoje quero me dedicar mesmo a dar palestras e ser uma curadora e escritora independente. Talvez meu sonho seja mostrar o design brasileiro para o exterior. Montar exposições realmente consistentes sobre o design brasileiro fora do país. Tenho feito muitas palestras lá fora, já fiz palestras em mais de 10 países, mas fiz exposições em apenas três. ■